

## GRUPO DE ESTUDOS SOCIOCULTURAIS EM EDUCAÇÃO FÍSICA (GESEF): UMA TRAJETÓRIA MEIO-BIOGRÁFICA EM DIÁLOGO COM ESTUDOS DO LAZER

Marco Paulo Stigger<sup>1</sup>

Porto Alegre, RS, Brasil

**Resumo:** O trabalho, procurando dialogar com a produção relacionada ao esporte e ao lazer, descreve e analisa a trajetória do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), sobretudo com base nas suas investigações etnográficas. São apresentados retratos de caminhos investigativos não planejados, desenvolvidos na interface com a Antropologia. Tais retratos de trabalhos evidenciam pontos de reflexões e contribuições em diferentes frentes: compreensão das práticas de esporte como cultura compartilhada em grupos, isso para além das faltas e privilegiando as apropriações nos contextos de lazeres urbanos, constituídos por pessoas comuns; compreensão das práticas de diversão, entre elas as brincadeiras e as esportivas, como espaços de disputas e de negociações não dissociadas da vida cotidiana e, portanto, como universos educativos significativos e imersos em relações de poder; compreensão da polifonia de interesses que permeiam as práticas esportivas, sobretudo aqueles que coexistem ‘no lazer’, mesmo que pareçam, num primeiro olhar, antagônicos ou ambíguos, dificultando as classificações e entendimentos *a priori*; e compreensão das experiências de esporte e de lazer na vida dos atores sociais em ação, como questões sociais que se articulam com a política, com a educação, com a violência, com o trabalho. Por fim, o texto enfatiza que não se trata de propor um fechamento das discussões, mas de trazer elementos que possam colaborar na compreensão, tendo em vista, especialmente, a intervenção nesses campos do esporte e do lazer.

**Palavras-chave:** Esporte. Lazer. Etnografia.

## SOCIO-CULTURAL STUDY GROUP IN PHYSICAL EDUCATION (GESEF): A SEMI-BIOGRAPHICAL TRAJECTORY IN DIALOGUE WITH LEISURE STUDIES

**Abstract:** This work, seeking to dialogue with production related to sport and leisure, describes and analyzes the trajectory of Sociocultural Study Group in Physical Education (GESEF), specially based on its ethnographic investigations. It presents portraits of unplanned investigative paths developed at their interface with anthropology. Such portraits of studies show points of reflections and contributions at different fronts: understanding sport practices as culture shared in groups, beyond absences and favoring appropriation in urban leisure contexts made up of ordinary people; understanding fun practices, including games and sports, as spaces for disputes and negotiations connected to everyday life and therefore as significant educational universes immersed in power relations; understanding the polyphony of interests that pervade sports practices, especially those that coexist “in leisure”, although they might appear antagonistic or ambiguous at first glance, hampering a priori difficult classifications and understandings; and understanding sport and recreational experiences in the lives of social actors in action, as social issues connected to politics, education, violence, work. Finally, the text emphasizes that it is not proposing to close discussions,

---

<sup>1</sup> Professor no Programa de Pós-Graduação Em Ciências do Movimento Humano – UFRGS. Coordenador do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física – GESEF

but to bring elements that can contribute in understanding, especially with a view to intervention in the fields of sport and leisure.

**Keywords:** Sport. Recreation. Ethnography.

## GRUPO DE ESTUDIOS SOCIOCULTURALES EN EDUCACIÓN FÍSICA (GESEF): UNA TRAYECTORIA SEMIBIOGRÁFICA EN DIÁLOGO CON ESTUDIOS DEL OCIO

**Resumen:** El trabajo, que busca dialogar con la producción relacionada al deporte y al ocio, describe y analiza la trayectoria del Grupo de Estudios Socioculturales en Educación Física (GESEF), sobre todo con base en sus investigaciones etnográficas. Son presentados retratos de caminos investigativos no planificados, desarrollados en la interface con la antropología. Tales retratos de trabajos evidencian puntos de reflexión y contribuciones en diferentes frentes: comprensión de las prácticas deportivas como cultura compartida en grupos, más allá de las faltas y privilegiando las apropiaciones en los contextos de ocio urbanos, constituidos por personas comunes; comprensión de las prácticas de diversión, entre ellas los juegos y los deportes, como espacios de disputa y de negociaciones no disociadas de la vida cotidiana y, por lo tanto, como universos educativos significativos e inmersos en relaciones de poder; comprensión de la polifonía de intereses que permean las prácticas deportivas, sobre todo aquellos que coexisten 'en el ocio', aunque parezcan, a primera vista, antagónicos o ambiguos, dificultando las clasificaciones y entendimientos *a priori*; y comprensión de las experiencias de deporte y ocio en la vida de los actores sociales en acción, como cuestiones sociales que se articulan con la política, con la educación, con la violencia y con el trabajo. Por fin, el texto enfatiza que no se trata de proponer el fin de las discusiones, sino de traer elementos que puedan colaborar en la comprensión, teniendo en vista, especialmente, la intervención en esos campos del deporte y del ocio.

**Palabras clave:** Deporte. Ocio. Etnografía

### Introdução

Quando eu fui convidado para escrever este texto para a Revista Brasileira de Estudos do Lazer, me deparei com a dificuldade de conseguir, no tempo destinado para isso, atender à solicitação de escrever algo que foi solicitado num dossiê que é identificado como

um espaço dedicado à publicação de trabalhos produzidos em diferentes tradições teórico-metodológicas, sobre os lazeres nos universos de práticas corporais esportivas. O propósito é reunir textos que colaborem na compreensão das vivências de lazeres constituídas pelas pessoas e grupos nas experiências esportivas, isso articulado por/com diferentes questões, tais como educação, cultura, história, política, gestão, urbanidade, dentre outras.<sup>2</sup>

A partir disso e tentando atender a essa solicitação – ou pelo menos ficar próximo disso – me disponibilizei a escrever sobre as pesquisas realizadas pelo grupo de pesquisa

<sup>2</sup> Mensagem recebida dos editores da Revista Brasileira de Estudos do Lazer, via email.

que eu coordeno – Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) – e, na medida em que isso for sendo desenvolvido, dialogar sobre alguns aspectos vinculados aos temas “esporte” e “lazer”, conforme são tratados na Educação Física Brasileira.

O meu esforço foi no sentido de apresentar a trajetória do nosso grupo de estudos, na relação que ele tem com as etnografias que nele têm sido produzidas. A ideia é, então, tentar relacionar o processo de desenvolvimento do grupo – suas investigações, seus achados, enfim, a suas possibilidades investigativas a partir da etnografia – com alguns aspectos do que tem feito a comunidade científica da Educação Física Brasileira que trata do esporte e lazer, assim como suas articulações com temas próximos a esses. Mesmo que a revista tenha como objetivo trazer à tona discussões específicas sobre o lazer, para mim é muito difícil dissociar esse assunto do esporte, tendo em vista que esse último – associado ao lazer – vem conduzindo a maior parte do que desenvolvemos no GESEF até o momento.

Assim, parto da consideração de que o que fazemos hoje é resultado de um processo que vem se constituindo há alguns anos. Um processo coletivo que não foi planejado, mas que, sendo olhado “pelo retrovisor”, talvez possa nos dar algumas pistas “do que somos”, “do que temos sido” e “do estamos vindo a ser”. Quando digo que “não foi planejado” é para ressaltar que, nesse relato, não quero transformar uma “trajetória” num “projeto”, que visto de trás para frente, se apresenta como algo que teria sido preestabelecido e que agora se materializa de determinada forma. Quero, sim, fazer uso dessa trajetória não planejada identificando-a como uma possibilidade de reflexão e, então, tentar estabelecer nexos entre o que foi sendo produzido nesses anos.

Fui provocado sobre isso pela primeira vez num evento realizado em Montevideu, do qual participei junto com outros colegas do programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da UFRGS, do qual faço parte. No que se refere a nós, que vínhamos de fora, a expectativa dos uruguaios era que disséssemos quem éramos, o que fazíamos, que perspectiva de investigação trazíamos para o universo acadêmico da Educação Física. Naquele momento, a forma que encontrei para responder àquelas perguntas foi enumerar e comentar os nossos trabalhos. Ao final, me vi diante de uma continuidade que me parecia fazer sentido.

Apesar da diversidade de trabalhos que havíamos realizado, é claro que eu não fiquei muito surpreso com o que percebi naquele momento. Mas foi aquela síntese que me ajudou a identificar uma determinada linha investigativa que vinha se articulando, apesar do não planejamento. É sobre isso que eu pretendo tratar agora, me utilizando de uma perspectiva “meio-biográfica” para fazer uso de uma estratégia que conduziu Da Matta (1981) quando tratou da prática da Antropologia a partir da sua experiência.

Por essa razão, mesmo que o foco dessa exposição seja a trajetória do Grupo de Estudos, eu não tenho como deixar de tratar brevemente de aspectos da minha biografia, já que foi a partir da minha experiência que o grupo iniciou as suas atividades. Peço desculpas por esse personalismo inicial, mas, como será possível observar adiante, ele logo vai desaparecer e os protagonistas serão outros.

Eu iniciei a minha vida acadêmica na UGF, no mestrado, onde desenvolvi uma pesquisa sobre a participação popular na gestão dos espaços públicos de lazer de Porto

Alegre (STIGGER, 1992; STIGGER, 1996), durante a primeira administração do Partido dos Trabalhadores naquele município. Esse não foi um trabalho etnográfico, mas me colocou em contato direto com diferentes comunidades da cidade, já que – junto com o desenvolvimento do mestrado – eu assessorava o setor que tratava de esportes e lazer, no processo que visava articular relações entre a prefeitura e as lideranças populares locais.

Provavelmente eu nunca tivesse ouvido falar em etnografia, mas a riqueza do que eu percebia naqueles lugares me estimulou a tentar – já pensando no doutorado – em compreender, mais de perto, a vida comunitária que ocorre no entorno do esporte e do lazer. Foi quando eu passei a frequentar aulas no PPG da Antropologia Social da UFRGS, o que foi me localizando no que se refere aos estudos antropológicos. Noções sobre cultura, identidade, alteridade, diferença, etnografia etc. foram me ajudando a desenvolver o que viria a ser a minha tese de doutorado: um estudo etnográfico sobre o esporte praticado “no lazer”.

De alguma forma, o que me provocava a estudar o esporte “no lazer” era uma insatisfação com o que eu ouvia no contexto acadêmico da Educação Física naquele momento: por um lado eu identificava uma perspectiva ingênua e descontextualizada, que atribuía apenas virtudes ao esporte; por outro, eu percebia um esforço de contextualização que acabava por ver o esporte apenas como resultado do processo de industrialização da sociedade, da dominação do capital e da ideologia dominante. As posições desse segundo grupo me seduziam bastante, mas, ao mesmo tempo, não me satisfaziam, na medida em que iam de encontro a muitas das minhas experiências pessoais nesses universos. Em que pesem essas intuições, eu não me sentia preparado para – de uma forma mais consistente – provocar questionamentos e argumentar sobre isso, trazendo outras formas de pensar sobre o esporte.

E, no contexto da Educação Física Brasileira, o tema do esporte era candente, especialmente como conteúdo das aulas de Educação Física. Num debate sobre prática pedagógica nos esportes, Celi Taffarel (2000) afirmou que muitas questões “tabus” sempre são trazidas à tona. Não é difícil concordar que, naquele momento, havia determinadas interdições que colocavam o esporte entre as coisas sagradas (talvez isso ocorra ainda hoje), exigindo que, para que se pudesse ter acesso a ele, devêssemos nos abastecer de determinados cuidados: colocar as virtudes do esporte em dúvida requeria cautela e quem sabe estivesse aí a razão para os tantos equívocos que foram referidos por Valter Bracht (2009) num debate sobre o Esporte na Escola e o Esporte de Rendimento; mas as importantes críticas que se fizeram ao esporte tiveram tal repercussão neste contexto acadêmico, que também acabaram por se inserir num mundo sacralizado: criticá-las também exigia prudência.

Foi aí que, como uma “ciência alternativa” (PEIRANO, 1995), a Antropologia começou a me oferecer respostas. Com a proposta de olhar “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) e da busca da compreensão das dinâmicas sociais a partir dos seus protagonistas, em que as práticas são construídas e reconstruídas por eles, a Antropologia viria a me oferecer elementos para compreender lógicas de sociabilidade que ocorriam no universo esportivo “de lazer”. Estimulava-me a ideia de buscar compreender como essas práticas ocorreriam segundo certas regras, segundo certos princípios, mas sempre a partir da interação,

do encontro das pessoas no seu dia a dia, das relações face a face no seu cotidiano (VELHO, 2001). Essa posição teórico-epistemológica em muito se diferenciava do que se via, naquele período, no mundo acadêmico-científico das áreas sociais da Educação Física Brasileira. Em se tratando do esporte, naquele contexto, praticamente não existiam estudos sustentados em trabalho de campo. Assim, mesmo que intuitivamente, mas me pautando na crença<sup>3</sup> de que os trabalhos empíricos me dariam melhores respostas, eu senti a necessidade de “descer ao campo” (WINKIN, 1998).

E não era apenas na Educação Física Brasileira que quase inexistiam estudos de campo sobre o esporte “praticado no lazer”. Numa garimpagem que fiz durante o doutorado (1996), identifiquei apenas um trabalho sobre o tema, depois de procurar, com base nos dez anos antecedentes, em diversos periódicos, de diferentes nacionalidades: portuguesa, espanhola, inglesa, francesa. O único artigo encontrado foi uma etnografia que havia sido publicada em 1993 na *International Review for Sociology of Sport*, de autoria de pesquisadores franceses. O artigo era oriundo de uma tese de doutorado, posteriormente publicada no livro *Sports de La Cité: anthropologie de la jeunesse sportive* (1996)<sup>4</sup>.

Essa falta de trabalhos poderia ser explicada pelo fato de que naquele momento o esporte ainda era um “tema menor” para as Ciências Sociais. E isso era ainda mais verdadeiro no que se refere ao esporte praticado como atividade de lazer. Hoje já é mais difícil fazer esse tipo de afirmação, o que se evidencia de várias formas, mas também pela inserção do esporte em importantes reuniões da Sociologia e da Antropologia Brasileira, como a Reunião da Associação Latino Americana de Sociologia (ALAS), a Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e a Reunião de Antropologia do MERCOSUL (RAM).

Mas, se o estudo sobre o esporte já tem evidência também nesses contextos, o futebol espetáculo e o seu entorno (torcidas, a vida de jogadores e de clubes, o tema da identidade nacional) vêm sendo assuntos recorrentes, enquanto que as práticas esportivas cotidianas das “pessoas comuns” são desprezadas. Sobre isso, diria um pesquisador: “os antropólogos parecem estar pautados pela imprensa esportiva”. Sobre esse aspecto – e também nos contextos das Ciências Sociais –, os pesquisadores da Educação Física têm contribuído para a ampliação desse campo investigativo. Eles têm feito estudos sobre outros esportes, além do futebol e também investigações que vão além do contexto do espetáculo esportivo futebolístico. Aí se inserem os estudos sobre o esporte e outras práticas corporais realizadas “no lazer”.

Mas, retornando à “biografia”, no meu primeiro trabalho etnográfico procurei analisar diferentes formas de apropriação do esporte, no contexto do “Futebol de Veteranos” (STIGGER, 1997), homens de idade avançada que praticavam o futebol nos fins de semana. Essa pequena experiência me levou à tese de doutorado, que teve o objetivo de compreender as apropriações do esporte no contexto de lazer. Nessa investigação, em diálogo com determinadas posições que se interessavam pelas lógicas de reprodução do esporte a partir da sua perspectiva hegemônica (esporte de rendimento), me propus a compreender como poderiam ocorrer diferentes apropriações dessa prática social em

3 Em última instância a ciência é uma crença.

4 Esporte da Cidade: Antropologia da juventude Esportiva – tradução livre.

tempos/espacos particulares, quando praticada no lazer, por “pessoas comuns”. Com base num trabalho de campo de 20 meses, busquei saber em que medida as interpretações desenvolvidas no contexto dos estudos contemporâneos acerca do esporte, no âmbito das Ciências Sociais (em especial a Sociologia do Esporte), encontravam conciliação empírica com as características identificadas nos grupos que foram estudados.

Sistematicamente dialogando com esses estudos, desenvolvi o que poderia ser chamado de uma etnografia de inspiração clássica, no sentido de que: por um lado se preocupava sistematicamente em entender aspectos culturais “compartilhados” pelas pessoas; e por outro, buscava tratar esse grupo de uma forma quase isolada, numa perspectiva quase totalizante, o que Magnani chamaria de “tentação da aldeia” (MAGNANI, 2003).

Dessa forma, nem os conflitos, nem as ambiguidades existentes nos universos estudados foram explorados. E também não foram estabelecidas relações dos grupos e dos praticantes do esporte com outras dimensões e instituições do espaço urbano e nem com outras instâncias das vidas dos participantes. Mas acredito que aquele trabalho foi o suficiente para oferecer respostas sobre os processos de apropriação do esporte por indivíduos que o praticavam no seu dia a dia, e a partir disso, tencionar a literatura com a qual eu vinha dialogando.

Dali em diante a minha intenção – agora já do GESEF – passou a ser a de ampliar a compreensão acerca do entorno da diversidade do esporte e de outras práticas corporais praticadas “no lazer”, articulando-o com outras dinâmicas e realidades culturais.

### Primeiros trabalhos: esporte e lazer “na cidade”

Os primeiros trabalhos do Grupo de Pesquisa já ensaiaram movimentos nessa direção. Ciça Reckziegel (2005) estudou um grupo de praticantes de *hip-hop* e, por um período de um ano e meio, acompanhou e observou os processos de aprendizagem dessa prática corporal, assim como as relações desses jovens com a cultura *hip-hop* nas suas articulações na cidade. Entre outros aspectos, ela identificou que a prática da dança, aliada aos princípios ideológicos colocados pelos elementos da cultura *hip-hop*, caracterizava-se como um movimento estético-político que mobilizava os jovens, conduzindo-os a um engajamento político-social, com o objetivo de construir uma vida digna para si e resgatar crianças e adolescentes em situação de risco. Segundo Ciça Reckziegel, o envolvimento dos jovens com o *hip-hop* começava como uma atividade “de lazer”, para “ganhar as gurias”; porém, na continuidade, o que acontecia era um importante envolvimento no “movimento social” do *hip-hop*.

Silvia Bauler (2005) se mobilizou por uma pergunta instigante ao ter contato com pessoas de uma comunidade pobre que havia sido deslocada pela prefeitura, de uma área de moradias precárias, com esgoto a céu aberto, para um conjunto de moradias populares, mas com casas de alvenaria e com saneamento básico. Percebendo as queixas de algumas pessoas, ela buscou saber as razões daquela insatisfação. Entrevistando os que haviam sido deslocados e desenvolvendo uma etnografia entre os remanescentes,

ela identificou que, naqueles contextos, “o futebol faz rolar mais do que uma bola”, frase retirada do campo, que acabou fazendo parte do título do trabalho.

Ao se perguntar sobre “o que rola”, Silvia percebeu que nos campos de futebol – que eram circundados pelas moradias –, muito da vida social daquelas comunidades acontecia: os campos eram os pátios das casas, a praça da comunidade, o local onde se consertavam carroças, onde ocorriam várias festas etc. Segundo Silvia Bauler, a vida no entorno do esporte era mais do que “passar o tempo”. E as análises da pesquisadora foram além “das faltas” relativas às poucas possibilidades das pessoas no que se refere ao esporte e ao lazer, foco recorrente dos estudos críticos sobre esses temas.

Sintetizando alguns aspectos desses trabalhos, pode-se dizer que, com base em demorados trabalhos de campo, ambos os estudos possibilitaram a continuidade de reflexões que eram feitas no contexto do GESEF, as quais colocavam em dúvida determinadas posições críticas acerca do lazer, que Defrance chamaria de um “funcionalismo negativo” (DEFRANCE, 1995). Essas considerações vão ao encontro do que disse Carmen Cinira de Macedo (1986) após desenvolver um estudo etnográfico na periferia de São Paulo. Segundo ela, as atividades de lazer são formas de encarar a realidade de forma positiva e não são apenas associadas à opressão, sem haver lugar para atividades prazerosas e gratuitas. Esses trabalhos e outros que temos feito no GESEF têm demonstrado que, mesmo que se ressalve que há também uma dimensão conservadora e reprodutora das práticas sociais do lazer, é possível afirmar que as práticas lúdicas não significam conformismo e alienação, mas que – tanto quanto o trabalho e a inserção na produção – elas se incluem entre “formas socialmente disponíveis de mapear o mundo e encontrar o lugar nele” (MACEDO, 1986, p. 189).

Mas se o avanço em direção ao contexto social mais amplo já se ensaiava, e se os trabalhos realizados traziam elementos para um debate sobre o lazer que circulava na Educação Física Brasileira, os universos estudados não foram – ou foram pouco – analisados a partir das suas relações de poder, dos conflitos e das ambiguidades internas dos universos estudados. Isso porque a noção de “cultura compartilhada” prevalecia e os grupos sociais em estudo eram vistos fundamentalmente a partir da sua homogeneidade.

### **Esporte e lazer: cultura, educação e relações de poder**

Num trabalho que veio a seguir, esse aspecto acabou sendo tratado. Influenciada pelos debates dos “Estudos Culturais” e ao estudar “gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio”, Ileana Wenez (2005) procurou entender como eram atribuídos significados de gênero que atravessavam modos diferenciados de ser menino e menina num contexto particular, o recreio escolar. Tentando compreender como – num processo constante de disputas e negociações – se aprendia a ser feminina e/ou masculino naquele universo cultural, Ileana procurou pensar como as práticas corporais vivenciadas no recreio disciplinavam/resistiam nos corpos, generificando-os. Com base nestas e outras análises, a autora identificou que, no espaço do recreio e através dos jogos e das brincadeiras, acontecia – entre disputas e negociações – uma aprendizagem não oficial e não intencional. Além de trazer à tona essa dimensão conflituosa e de constantes negociações que ocorria

naquele universo infantil, a qual deixava de homogeneizar as crianças em termos culturais, o trabalho de Ileana nos levou a refletir sobre a dimensão educativa que acontece fora das salas de aula.

Na Educação Física Brasileira, pela sua tradição, falar em lazer, cultura e educação é, na maior parte das vezes, pensar na intervenção nesse universo. Até pouco tempo atrás, para muitos autores o ponto de partida era uma tomada de posição crítica em relação à realidade social, que era vista como injusta, consumista, reprodutora, não lúdica, pouco criativa etc. E são esses mesmos autores que encontram no animador cultural um profissional capaz de contribuir para a superação desta mesma realidade, induzindo à realização de práticas de lazer consideradas críticas, criativas, reflexivas, libertárias. Focando no educador, em certa medida essa maneira de olhar para as atividades de lazer e seus vínculos com a cultura e a educação as coloca como se fossem parte de uma dimensão da vida “entre parênteses”, já que elas são observadas como se estivessem distanciadas dos processos educativos autônomos que fazem parte da vida cotidiana.

Assim, a ênfase que tem sido escolhida para tratar dessas relações acaba por atribuir ao animador cultural um papel crítico e reflexivo que talvez já esteja ocorrendo nos complexos processos culturais do dia a dia, sobre o que conhecemos muito pouco. Ao retirar o protagonismo dos sujeitos e ao atribuí-lo apenas aos animadores culturais, esquece-se que as atividades de lazer sempre educam e podem ser analisadas também nessa perspectiva. Esquece-se, enfim, que as intervenções desses educadores não acontecem num “vazio cultural”<sup>5</sup>.

Num estudo que também abordou gênero e sexualidade, com o título “Esporte, homossexualidade e amizade”, o trabalho de Raquel da Silveira (2008) foi conduzido pelo objetivo de compreender como e por que mulheres se associam para praticar um esporte socialmente considerado masculino. Com esse objetivo foi desenvolvida uma etnografia no contexto de um grupo de mulheres praticantes de futsal. Dois aspectos foram enfatizados no estudo: a forma como as mulheres viviam o esporte e questões relativas ao fato de grande parte das participantes do grupo serem homossexuais.

No que se refere à especificidade do esporte que aquelas mulheres praticavam, Raquel chamou a atenção para o que denominou de uma “gangorra”, uma forma de viver o esporte que oscilava de acordo com as situações e os contextos. Se os jogos de que participavam eram bastante sérios e voltados para a busca de resultados, os treinos ora eram pautados por brincadeiras e pelo divertimento, ora por lógicas seletivas, vinculadas à performance das praticantes. Ter acesso ao time era algo que dependia do capital esportivo das jogadoras, mas não era esse o único critério para fazer parte do grupo.

Além de se esperar uma efetiva participação nas atividades extraquadra, um ponto destacou-se por certa ambiguidade: apesar de o grupo ser constituído, em grande parte, por mulheres homossexuais, as “caminhoneiras” não eram aceitas. Ou seja: homossexualidade sim, mulheres masculinizadas não! Interessante também o fato de que elas praticavam um esporte dito masculino e o faziam pautadas por muita disputa, competitividade e virilidade, atributos socialmente atribuídos aos homens. Mas, ao mesmo tempo, na sua maior parte,

<sup>5</sup> O debate apresentado nesses últimos parágrafos se baseia em artigo publicado sob o título “Lazer, Cultura e Educação: possíveis articulações” (STIGGER, 2009).

elas eram muito “femininas” (no sentido da feminilidade hegemônica) no que se refere às preocupações com o corpo: isso se expressava nas roupas, nos acessórios, e em tatuagens “delicadas” que algumas delas tinham nos seus corpos. Isso foi identificado inclusive no esforço para esconder as marcas produzidas pelo jogo viril, através do uso de maquiagem.

Acredito que Raquel não caiu na armadilha de dizer que “mulheres homossexuais praticantes de futsal são isso ou aquilo”, numa perspectiva de uma homogeneidade dicotômica. Diferente disso, ela percebeu continuidades e descontinuidades, tanto no contexto interno do grupo como na relação desse grupo com outros envolvidos no campeonato da cidade. Ela identificou, também, que – entre conflitos e negociações – o contexto esportivo estudado se constituía num espaço de lazer particular, onde a homossexualidade era aceita, sendo, portanto – à semelhança de alguns “bares gay” – um espaço privilegiado para as mulheres homossexuais viverem os seus momentos de lazer.

### Diversidade cultural do esporte e do lazer

O trabalho de Flávio Mariante (2010) também mostrou, no universo de uma academia, várias formas de pensar e viver o esporte. Professor de boxe há oito anos e motivado a entender a diversidade dessa prática, participou de e observou aulas em que uma heterogeneidade do boxe já se explicitava nas primeiras observações, no que se refere ao público de alunos e seus interesses manifestos. Lá ele encontrou homens, mulheres, pessoas dispostas a “fazer luvas”, pessoas que nunca tiveram intenção de participar de algum combate, e, ainda, indivíduos interessados em treinar para lutas oficiais. Isso levou Flávio a articular os temas do esporte e do *fitness* com gênero, corpo e violência.

Além disso, Flávio realizou um interessante exercício de reflexividade, dedicando um tópico do trabalho ao cotejo entre o que ele encontrou naquele universo particular com as suas experiências anteriores no boxe, tendo como base a sua própria prática pedagógica nessa modalidade esportiva. Num excerto de diário de campo Flávio dizia: “Hoje, pela primeira vez, questionei a minha aula. As naturalizações que tenho feito com os anos de prática foram questionadas” (MARIANTE; STIGGER, 2011, p. 101). E reflexões como essas o levaram a sair do campo refletindo sobre o que aprendeu com os seus interlocutores: “ao ouvi-los e observá-los de maneira sistemática, percebi nuances, objetivos e comportamentos que seriam difíceis de serem identificados sem esta pesquisa” (MARIANTE; STIGGER, 2011, p. 98).

No estudo intitulado “‘É lazer, tudo bem, mas é sério’: o cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol”, Ariane Pacheco (2012) teve como objetivo compreender a dinâmica de relações sociais que atravessava a sustentação de uma equipe máster feminina de voleibol e as negociações que faziam parte do envolvimento desse grupo em campeonatos que aconteciam dentro um espaço/tempo reconhecido como “de lazer”. Com essa intenção, ela realizou uma pesquisa etnográfica junto a uma equipe de voleibol máster, em Porto Alegre. Tendo iniciado o estudo pensando em problematizar o tema do envelhecimento, ao longo do tempo o estudo acabou por tratar da forma de apropriação do esporte e do tempo livre das participantes.

A partir da análise de farto material empírico produzido num longo trabalho de campo, chamaram a sua atenção a seriedade com que o grupo investigado tratava aquela atividade de lazer e a forma como aquelas mulheres se relacionavam com o esporte. As suas análises a levaram a compreender que para pertencer à equipe era preciso mostrar um rendimento esportivo legítimo para aquele contexto, sendo muito significativo saber estar entre as participantes para sustentar-se na sua coesa rede de sociabilidade que era pautada por um lazer “levado a sério”. Porém, ao mesmo tempo, brincadeiras coexistiam com as exigências do rendimento esportivo ligado ao voleibol, situação em que as negociações cotidianas borravam fronteiras entre essas dimensões.

Esses dois últimos trabalhos, mesmo com as suas diferenças, abordaram o esporte e o lazer a partir da sua diversidade. No que se refere ao esporte, em ambos os grupos isso ficou evidente: ora o esporte se relacionava à saúde, ora ao divertimento, à estética, ao resultado esportivo etc. E o lazer, igualmente, era vivido de diferentes maneiras, por vezes carregado de seriedade, mas em algumas situações borrando fronteiras com as relações de obrigações pessoais, trabalho, de cuidado, entre outras.

Mas, além desses aspectos, um ponto comum entre esses estudos – e também outros até aqui apresentados – foi a realização de investigações focadas em determinados grupos de pessoas, delimitadas enquanto coletivos relativamente fechados, também no que se refere aos territórios onde a pesquisa era realizada. É disso que trata Magnani (2003), quando se refere à “tentação de aldeia”, aspecto já referido acima.

### Saindo das aldeias – seguindo culturas

No que se refere a esse ponto, a movimentação de Luis Eduardo Thomassim (2010) foi mais ampla. Buscando compreender as relações de crianças pobres com os projetos sociais esportivos dos quais participavam, o estudo teve um ponto de partida diferente de muitos trabalhos sobre a temática das políticas públicas em esporte e lazer: em vez de tentar checar se os projetos sociais estavam dando conta de seus propósitos, ele buscou saber como os participantes destes espaços os significavam, em seu cotidiano e em sua vida.

Para compreender o sentido de um dos espaços de socialização era necessário dialogar com outros contextos de vivência cotidiana das crianças, como a escola, as relações familiares, a vizinhança, as relações em grupos. Tratou-se, assim, de compreender os projetos no cotidiano de seus participantes e não dos participantes no cotidiano dos projetos, o que foi possível a partir de uma etnografia multilocal (MARCUS, 2001). Daí a necessidade de “perseguição” das crianças, quando o pesquisador buscou observá-las em diferentes espaços onde conviviam cotidianamente, bem como registrar as trajetórias dessas crianças entre esses espaços numa lógica temporal.

O trabalho de Thomassim (2010) também possibilitou uma articulação com debates relacionados com políticas e intervenção social: embora não fosse o objetivo dar conta de propor formas e conteúdos para essas ações, o trabalho investiu em chamar atenção para as ambiguidades dos comportamentos, falas e sentidos das experiências “com” o

esporte e “no” esporte que podem vir a oferecer elementos para reflexão da gestão e da atuação como educador. Se algumas relativizações sobre as expectativas socializadoras dessas vivências problematizam as expectativas mais ingênuas de educar “positivamente” pelo esporte, por outro lado chama-se atenção para as capacidades e possibilidades dos sujeitos agenciarem relações de resistências pontuais, mesmo as crianças.

O texto também ofereceu elementos para se compreender que alguns desafios do educador ou agente dentro dos projetos relacionam-se com dimensões e lógicas que estão externas a eles, como no âmbito dos financiamentos de políticas, nas representações e formulações discursivas dominantes sobre infância pobre e esporte.

A estratégia de participar-observar e articular diferentes contextos apareceu também no trabalho desenvolvido por Mauro Myskiw (2012). Tendo como objeto “as controvérsias do futebol de várzea”, Mauro buscou compreender as dinâmicas futebolísticas que se estabeleciam desde o futebol da sala de reuniões da prefeitura, até algumas bricolagens que acontecem no contexto dos diferentes bairros onde ocorrem as etapas do campeonato municipal. Após mais de dois anos de trabalho de campo, uma das discussões que o trabalho suscitou relacionou-se ao tema da gestão no esporte e às suas possíveis relações com políticas públicas. A partir dos dados produzidos, o autor procurou mostrar que a “organização varzeana” resulta da tensão entre dois modelos, um que defendia um campeonato “mais próximo do profissional” e outro que acreditava que “várzea é várzea”. A primeira categoria não significa exatamente uma reprodução do circuito profissional, mas a construção da organização fundamentada numa configuração que trata de refratar as pressões externas ou aquilo que não era considerado “do futebol”. Diferente disso, a segunda categoria denota um universo simbólico em que as imbricações com o que não seria “do futebol” deixam de figurar como desatinos mas, ao contrário, tornam-se fundamentais para a própria sustentação do circuito futebolístico investigado.

Em consonância com esse raciocínio, foi possível entender que a ideia de “várzea” (sentido pejorativo) no universo da organização futebolística, especialmente nas periferias, não pode ser compreendida a partir da ideia “falta” de procedimentos, de técnicas, de pessoas, de artefatos específicos reconhecidos como adequados; mas, sim, uma forma particular de gestão, essencial para que esse tipo de atividade sobreviva.

O que esses trabalhos mostram – tanto o de Thomassim (2010), como o de Myskiw (2012) – é uma preocupação com a vida cotidiana e, nela, os lugares do esporte, sobretudo numa perspectiva de lazer. Diferente do esforço investigativo que parte da premissa de uma configuração particular, um universo simbólico singular, os pesquisadores buscaram saber sobre a vida cotidiana das pessoas em ação e, nelas, uma série de questões sociais que colocam o esporte e o lazer como elementos de articulação, como a política pública, a educação, a violência e a gestão.

## Considerações Finais

O meu esforço nesse texto se encaminhou em duas direções: primeiramente, com base em algumas pesquisas realizadas no GESEF, tentar apresentar alguns elementos

acerca das nossas experiências de pesquisa e, a partir disso, provocar diálogos sobre a etnografia; sobre esse aspecto, tentei mostrar como fomos avançando no contexto dessa perspectiva metodológica.

Em segundo lugar, tentei oferecer alguns elementos para dialogar sobre as articulações com a pesquisa etnográfica e alguns temas de interesse da Educação Física, no que se refere ao esporte e ao lazer, incluindo aí algumas pistas sobre possibilidades de discussão sobre intervenção em determinados universos.

Apesar de eu ter utilizado uma linha do tempo para esse texto, quero enfatizar o que eu disse no início: nada disso foi planejado. Isso foi, sim, resultado de um processo coletivo que vem se consolidando como uma forma específica de estudar o esporte e o lazer. As reflexões que eu trouxe foram algumas, dentre outras, todas resultantes de um processo que ocorreu nesses anos, quando outros trabalhos também foram realizados.

Enfim, gostaria de dizer que considero relevante aproximar as preocupações da Antropologia com as da Educação Física. Acho bastante significativo buscar nexos entre os debates teóricos e epistemológicos da teoria e da prática antropológica, com preocupações concretas de pessoas que têm a responsabilidade de intervir em determinados universos, como a prática pedagógica em Educação Física e a Gestão de Políticas em Esportes e Lazer. Refiro-me a esses assuntos considerando que faz muito sentido pensar nas descobertas etnográficas como possibilidades de refletir sobre a tarefa de quem atua na intervenção.

## Referências

BAULER, Sílvia Regina Godinho. **O Futebol faz rolar mais do que uma bola**: um estudo sobre os significados do futebol numa periferia urbana. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BRACHT, Valter. Esporte de Rendimento na Escola. *In*: STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (orgs.). **Esporte na Escola e Esporte de Rendimento**. Campinas: Autores Associados, 2009.

CHANTELAT, Pascal; FODIMBI, Michel; CAMY, Jean. **Sports de La Cité**: anthropologie de La jeunesse sportive. Paris: L'Harmattan, 1996.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1981.

DEFRANCE, Jacques. **Sociologie du Sport**. Paris: Éditions La Découverte, 1995.

MACEDO, Carmem Cinira. **Tempo de Gênese - o povo das comunidades eclesiais de base**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun., 2002.

\_\_\_\_\_. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo Social**. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 85-95, abr., 2003.

MARCUS, George. Etnografia en/del sistema mundo. El surgimiento de La etnografia multilocal. **Alteridades**. v.11, n.22. p. 111-127, jul./dec., 2001.

MARIANTE, Flávio Py. **Da academia de boxe ao boxe de academia**: um estudo etnográfico. 2010. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MARIANTE, Flávio Py; STIGGER, Marco Paulo. Reflexividade na pesquisa etnográfica e as suas relações com a prática pedagógica de um professor de boxe. **Cadernos de Formação RBCE**. Campinas, v. 2, n. 1, p. 95-107, jan., 2011.

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea**: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PACHECO, Ariane Corrêa. **“É lazer, tudo bem, mas é sério”**: o cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

RECKZIEGEL, Ana Cecília de Carvalho. **Dança de Rua**: Lazer e Cultura Jovem na Restinga. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SILVEIRA, Raquel da. **Esporte, homossexualidade e amizade**: um estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

STIGGER, Marco Paulo. **Administração de Parques Públicos e Democracia**: um estudo de caso na área de políticas públicas em lazer numa perspectiva democrática. 1992. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. Participação Popular na Gestão do Espaço Público de Lazer: um Caminho Percorrível na Construção da Utopia Democrática. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Políticas Públicas Setoriais de Lazer**. Campinas: Autores Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**. Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 52-66, 1997.

\_\_\_\_\_. Lazer, Cultura e Educação: possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, jan., 2009.

TAFFAREL, Celi. Desporto Educacional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 13, 2000.

THOMASSIM, Luis Eduardo. **O público alvo nos bastidores da política**: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos. 2010. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

VELHO, Gilberto. Entrevista com Gilberto Velho. Entrevista concedida a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 28, p. 183-210, 2001.

WENETZ, Ileana. **Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio**. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas/SP: Papyrus, 1998.

### Endereço para correspondência

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID/UFRGS)  
Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico, Porto Alegre/RS, Brasil, CEP 90690-200

**Recebido em:**  
10/06/2016

**Aprovado em:**  
11/07/2016